

De Tempos em Tempos: Reflexões sobre a Categoria Tempo nos Estudos sobre Juventudes

*Mónica Franch**

Resumo

A partir de uma reflexão sobre duas pesquisas etnográficas realizadas pela autora (2000; 2008) em torno do tempo juvenil, o artigo defende a potencialidade heurística desta categoria para o estudo das juventudes. Dando prioridade ao “tempo vivido”, a primeira pesquisa traz questões em torno do tempo livre e a segunda prioriza as dimensões biográficas. O artigo inclui discussões teóricas a respeito de tempo e juventude, sobretudo a partir da antropologia, e também mostra as escolhas metodológicas seguidas pela autora. Em ambos os casos, os dados dizem respeito a jovens de grupos populares do Recife.

Palavras-chave: tempo, juventude, cotidiano, biografias.

* Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais e membro permanente do PPGA e do PPGS da UFPB. Líder do Grupessc – Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura. E-mail: monicfranchg@gmail.com

Time to Time: Reflections on Time as a Useful Category in Youth Studies

Abstract

Based on a reflection on two ethnographic researches carried out by the author (2000; 2008) on youth time in poor neighborhoods of Recife, the article aims to stand for the heuristic potential of time for the study of youth. Both researches give priority to “lived time”, the first research brings questions about free time and the second one focuses the biographical dimensions. The article includes theoretical discussions about time and youth, especially from anthropology, and also shows the methodological choices followed by the author.

Keywords: time, youth, everyday life, biographies.

De Tempos en Tempos: Reflexiones sobre la Categoría Tiempo en los Estudios sobre Juventudes

Resumen

Tomando como punto de partida dos investigaciones etnográficas realizadas por la autora (2000; 2008) acerca del tiempo juvenil, este artículo defiende la potencialidad heurística de esta categoría para el estudio de las juventudes. Centrándose en el “tiempo vivido”, la primera investigación levanta cuestiones acerca del tiempo libre y la segunda tiene como foco el tiempo biográfico. El artículo contiene discusiones teóricas sobre tiempo y juventud, sobre todo desde la antropología, y también despliega las decisiones metodológicas seguidas por la autora. En ambos casos, los datos se refieren a jóvenes de grupos populares de Recife (Brasil).

Palabras clave: tiempo, juventud, cotidiano, biografías.

Neste artigo, levanto questões metodológicas e epistemológicas acerca da categoria tempo nos estudos sobre juventudes. Numa primeira aproximação, o tempo está no cerne de um vasto conjunto de significados que vem à tona quando o assunto são os jovens. Transição, passagem, geração, futuro, disciplina, são algumas das palavras mobilizadas ao pensarmos nessa fase da vida, e que têm a ver com questões como o fluxo do tempo e suas descontinuidades, os tempos históricos e seu impacto nas experiências dos sujeitos, os horizontes temporais, as formas de ocupação do cotidiano e os conflitos em torno delas. Neste artigo, irei além dessa primeira compreensão, defendendo que o tempo é uma “categoria síntese” (Tabboni, 2006) e que, portanto, se torna uma via privilegiada de apreensão de fenômenos relativos à juventude. A terra do tempo, como aquela dos mitos em Lévi-Strauss, é redonda. Nela se entrecruzam dimensões usualmente divididas nos estudos sobre jovens – lazer, política, educação, sexualidade, família, violência, sociabilidade, trabalho, religião – permitindo uma compreensão menos fragmentada das experiências juvenis.

Pesquisar sobre o tempo conduz necessariamente ao encontro com teorias, métodos e problemas oriundos de diversos campos de saber, entre eles, a Filosofia, a História Social, a Literatura, a Sociologia e a Antropologia, para ficarmos apenas no campo das humanidades. Sem negar a necessidade de um olhar transdisciplinar, a abordagem privilegiada neste artigo é antropológica e a orientação é etnográfica. A antropologia, entretanto, não possui uma única compreensão sobre o tempo. Neste artigo, proponho uma aproximação fenomenológica ao tempo juvenil, dando prioridade ao “tempo vivido”, ou seja, à experiência dos jovens em suas interações cotidianas, bem como na reflexividade de seus relatos biográficos. Além disso, considerando que o tempo é, frequentemente, indizível e até mesmo impensável (conforme o clássico aforisma de Santo Agostinho), farei uso da ideia de “metáforas temporais” desenvolvida por Ramos Torres (2009). Extraídas do fluxo da linguagem cotidiana, na qual podem aparecer

de forma explícita ou implícita, as metáforas ajudam a transmitir aspectos importantes da experiência individual e coletiva do tempo. Neste artigo, mostrarei como o recurso a certas metáforas permite sintetizar práticas, valores e significados em torno da organização cotidiana e biográfica do tempo juvenil, tornando visíveis, igualmente, ambiguidades, contradições e conflitos ligados a esse período da vida.

O ponto de partida desta reflexão são dois trabalhos etnográficos realizados por mim junto a jovens de grupos populares da cidade de Recife. O primeiro deles foi minha pesquisa de mestrado, defendida na UFPE no ano de 2000, mas publicada apenas em 2016 sob o título *Tardes ao léu: uma etnografia sobre o tempo livre entre jovens de periferia do Recife*. A segunda pesquisa a que me referirei corresponde ao meu doutorado na UFPRJ, defendido no ano de 2008 (tese intitulada *Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens do Grande Recife*). Entre ambas as pesquisas, passaram-se oito anos, e uma década transcorreu desde a conclusão da última delas e a publicação deste artigo. Cabe, portanto, a pergunta: qual o sentido de discutir nos dias de hoje com base em pesquisas realizadas tanto tempo atrás? Não há uma resposta simples para essa questão. Por um lado, é verdade que o Brasil mudou e que os cenários em que transcorrem as vivências juvenis sofreram importantes transformações. Por outro lado, existem continuidades em nada desprezíveis, que permitem falar de uma certa “inércia” (Dalsgaard, 2006, p. 68) da vida cotidiana, ancorada em processos de longa duração. Somente novas pesquisas poderão dizer se os achados de outrora ainda fazem sentido para os jovens de hoje, mas minha aposta é que, em alguns aspectos, ainda se mantêm bem atuais. Além da atualidade, ou não, desses achados, a reflexão aqui proposta é de ordem conceitual e metodológica, logo, não se encerra nos contextos concretos que permitiram sua emergência, podendo inspirar abordagens em outros cenários e momentos.

Tempo e juventude: primeiras indicações para um estudo do tempo cotidiano

Numa primeira leitura, podemos dizer que, para a antropologia, o tempo é sobretudo uma construção social. Partindo da constatação de que as sociedades, historicamente, lidaram e lidam de maneira diferente com aquilo que entendemos como tempo, a antropologia tem privilegiado o tempo social em detrimento de outros possíveis recortes. Diferentemente do tempo da física, sobretudo em sua tradição newtoniana, o tempo social é qualitativo, relativo e resultado de convenções arbitrárias. É uma dimensão fundamental à organização da vida em sociedade que exprime a capacidade simbólica de cada grupo humano para estabelecer um princípio de segmentação: “Só podemos conceber o tempo se nele distinguimos momentos diferentes” (Durkheim, 1996, p. XVI). Nessa perspectiva, o tempo pode ser entendido como um “fato social” (Tabboni, 2006, p. 33), uma vez que a forma como o organizamos e o percebemos depende de instituições, valores e normas construídos coletivamente e impostos aos indivíduos através de processos de socialização, sem que, na maioria das vezes, eles tenham consciência disso (Adam, 1990, 1995; Araújo, 2005a).

Entretanto, o tempo não se apresenta apenas como uma realidade externa. Do ponto de vista dos sujeitos, ele é também uma experiência, construída nas relações das pessoas entre si e com os eventos ao seu redor, da qual depende nosso senso de orientação no mundo (Leccardi, 2006). Compreender aspectos como a intensidade e o tom de cada tempo, as referências que usamos para localizar os eventos no fluxo do tempo, a compreensão do processo de mudança biológica e a adequação (ou timing) de cada instante para determinadas ações são algumas das questões que podemos indagar ao fazermos um estudo antropológico sobre o tempo em nossas sociedades (Adam, 1995, pp. 21-23).

O tempo vital, ou seja, o fato de passarmos por uma série de transformações biológicas ao longo da vida até nossa morte,

é objeto de investimento simbólico em todas as sociedades, podendo-se dizer que tempo e idade estão intrinsecamente ligados através das periodizações dos ciclos da vida. No campo das ciências sociais, essa ligação é mais problematizada em determinadas etapas, principalmente na juventude e na velhice, em detrimento de outras, como a infância e, principalmente, a idade adulta (Debert, 2004; Feixa, 2005; Müller, 2008). No que tange especificamente à juventude, é sobretudo a ideia de transitoriedade que traz à tona a reflexão sobre o tempo. Como observam Levi e Schmitt (1996, p. 8), todas as fases da vida são transitórias, mas a juventude é qualificada socialmente através deste atributo. A ideia de que os jovens se encontram na confluência entre passado, presente e futuro faz com que esse momento seja percebido como um cruzamento temporal, tornando-o propício para um estudo sobre os sentidos e as práticas do tempo.

O interesse em conhecer e discutir a temporalidade juvenil nos grupos populares especificamente (proposta das duas pesquisas realizadas) se articula com questões de ordem prática e teórica. Como se sabe, a temática da juventude vem adquirindo uma notável relevância no debate público brasileiro há quase três décadas. Se nos anos 1980, a sociedade se mobilizou em torno das “crianças de rua”, processo que culminou na formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente, a década de 1990 assistiu a um incremento da produção acadêmica e da mobilização política ao redor da categoria “juventude”, redundando na formulação de programas e políticas voltadas para este segmento, nomeadamente na primeira década dos anos 2000 (Alvim, 2002). É certo que o momento político atual tem trazido certo apagamento das discussões sobre juventude, que desperta preocupação em relação a possíveis retrocessos quanto às políticas conquistadas. Independentemente dos motivos para tais oscilações, chamo a atenção para o fato de ser o tempo um dos principais vetores de preocupação social quando o assunto é juventude.

Em nossa sociedade, os jovens costumam ser vistos como detentores de uma temporalidade singular, decorrente de suas diferentes inscrições institucionais (escola, serviço militar e outras agências ou organizações socializadoras juvenis etc.) e das expectativas sociais que valorizam um determinado uso do tempo cotidiano, voltado principalmente para o lazer e o estudo. Isso resulta uma orientação temporal potencialmente tensa, um equilíbrio normalmente frágil, entre o presente e o futuro, entre a “curtição” e a “responsabilidade”, entre o efêmero e o constante. Como metáfora da sociedade (Feixa, 1998), ainda, os jovens concentram sonhos e ameaças para o dia de amanhã, que podem ser reproduzidos no plano individual. Neste sentido, existe uma preocupação generalizada com o uso do tempo juvenil. Comum entre as famílias de camadas médias, que buscam preencher o maior número possível de horas de seus filhos com atividades para melhorar seu desempenho futuro, é mais presente ainda no caso dos jovens dos grupos populares, cujo tempo vago não é apenas motivo de preocupação familiar como também política e social (Abramo, 1997; Dalsgard; Franch; Scott, 2008; Sposito; Carrano, 2003).

Há uma vasta literatura que mostra como a juventude é tematizada, na academia e no senso comum, a partir da ideia de problema, o que é mais evidente ainda no caso dos chamados jovens das periferias que aliam à condição juvenil o estigma de pertencer às “classes perigosas”, segundo a conhecida expressão de Louis Chevalier (Abramo, 1997; Alvim; Paim, 2000; Franch, 2000; Sposito; Carrano, 2003). A opinião de que os jovens pobres têm muito tempo ocioso e que isto não é bom nem para eles nem para a sociedade impregna o senso comum, transparece na mídia e informa frequentemente as intervenções voltadas para este segmento. Ocupar o tempo, combater a ociosidade, canalizar a energia juvenil para atividades como o esporte ou a “cultura popular” fazem parte da agenda explícita ou implícita de grande número de intervenções destinadas a estes jovens, em detrimento muitas vezes da lógica do direito que deveria norte-

ar as mesmas. Se a preocupação social a respeito do tempo juvenil apresenta um recorte de classe, ela também veicula representações sexualmente diferenciadas. Os jovens são percebidos como sendo suscetíveis ao envolvimento com a criminalidade, principalmente com o tráfico de drogas, enquanto a esfera de preocupação para as jovens é, geralmente, a sexualidade, especificamente a maternidade “precoce”.

Quando conversamos com os jovens, entretanto, o tempo vago não é necessariamente entendido como algo negativo. Antes, ele pode ser percebido como uma oportunidade para o lazer, a sociabilidade, a criação ou, porque não, para a preguiça: “A juventude é vista como um tempo da vida em que se pode gozar da vida e tentar um futuro melhor” (Abramo, 1994, p. 62). Nos meios populares, sobretudo, ser jovem amiúde significa ter certa licença para a distração, uma vez que a vida adulta comporta privações e dificuldades de todos conhecidas. Entretanto, a “desocupação” também pode ser um sinal de fracasso, de exclusão social e de falta de oportunidades para os jovens e suas famílias – pois não é a mesma coisa não ter o que fazer aos 15 e aos 25, quando se é solteiro e quando se tem filhos etc. Por esses e outros motivos, o tempo juvenil aparece como uma encruzilhada de práticas e significados que revelam condições sociais, normas, valores e contradições relativas à vivência da juventude nas classes populares, pondo frequentemente em jogo conflitos e relações de poder. Foi sobre alguns desses aspectos que versou a primeira das duas pesquisas discutidas neste artigo.

Passatempos, disciplinas, recreações: conhecendo os jovens pelos seus tempos livres

Realizada entre 1999 e 2000, a primeira pesquisa que aqui abordarei teve como objetivo realizar uma etnografia do tempo livre entre jovens moradores de uma comunidade de baixa renda do Recife. A escolha tanto pelo tema como, principalmente, pelo

mestrado em antropologia respondeu a certa crise experimentada após três anos de trabalho em uma organização não governamental que desenvolvia suas atividades junto a adolescentes do sexo feminino em situações de vulnerabilidade. Parte desse descontentamento tinha a ver com uma ruptura de minhas certezas em torno do que seria (e do que deveria ser!) a fase da vida conhecida como adolescência. Não havia, no cotidiano da instituição, compelida por demandas imediatas, espaço para um questionamento mais aprofundado a respeito disso, o que viria a encontrar na antropologia.

Já a escolha do tema foi motivada pela constatação de algumas tendências nos estudos e debates sobre jovens e juventudes que eu pretendia evitar. Em primeiro lugar, não queria reforçar a ideia de que os jovens eram problemas, nem trabalhar com a “juventude problema”. A melhor maneira de fugir dessa percepção, sem dúvida adultocêntrica, estava em estudar atividades ou esferas da vida que fossem apreciadas e valorizadas pelos jovens, sujeitos da minha pesquisa. Nada melhor, pensei, que pesquisar um tempo adjetivado como “livre”, pois supõe-se que nele as pessoas têm maior autonomia para decidir o que fazer, ou o que deixar de fazer. Como Magnani (1998) apontou numa das pesquisas pioneiras no Brasil sobre lazer nas classes populares, o tempo livre é o lado agradável da experiência nestes grupos (e não só neles, podemos acrescentar), contraposto à vivência de exploração que sofrem em outras esferas, como no trabalho. Além disso, relaciona-se com expectativas voltadas à forma como entendemos a juventude, que garantem aos jovens uma “licença social” (Abramo, 1997) para o divertimento, refletida, inclusive, em tendências de mercado. Mas se os jovens possuem “licença” para usufruir seu tempo, isto não implica que haja qualquer consenso quanto ao que “deve ser feito” com ele. Mais do que outras esferas, o tempo livre me parecia um terreno frutífero para desvendar conflitos geracionais e sociais como um todo, que poderia pôr em evidência alguns dos dilemas experimentados pela juventude neste grupo social. Não entender os jovens como

“problema” significava, assim, não priorizar questões relacionadas à violência, mas também não entender o tempo livre juvenil *a priori* como um “excesso”, um “problema” ou uma “ameaça”, representações que frequentemente encontrei em campo.

A territorialidade assumiu um papel importante nessa primeira pesquisa, na contramão de estudos que pareciam apontar para uma diminuição da importância do território nas experiências juvenis. Talvez válida para outros setores juvenis (jovens da classe média ou da elite), essa definitivamente não me parecia uma intuição apropriada para os jovens moradores de bairros populares do Recife, cujas vivências, sobretudo nos primeiros anos da juventude, estavam fortemente ancoradas no “pedaço” (Magnani, 1998).

O trabalho de campo foi desenvolvido durante nove meses tendo como base principal a localidade do Vietnã, no bairro dos Torrões, zona oeste do Recife – um dos locais onde eu havia realizado trabalho como educadora social entre os anos de 1994 e 1997. Resultado de uma invasão ocorrida no final dos anos 1960, o Vietnã é uma das 66 Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS reconhecidas pela Prefeitura da cidade. De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, no ano de 2000¹ moravam nessa localidade 3.487 pessoas, 575 das quais eram pré-adolescentes dos 10 aos 14, 259 adolescentes dos 15 aos 17 anos, 438 jovens dos 18 aos 22, e 164 jovens adultos, dos 23 aos 24 anos. Com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,701, a Unidade de Desenvolvimento Humano em que o Vietnã se inseria ocupava a 46a posição entre as 62 unidades pesquisadas no Recife (2005). Os dados oficiais, entretanto, não traduzem a história nem a ambiência da localidade.

1 Optei por colocar os dados próximos da época em que foi realizada a primeira pesquisa (ano 2000), e não os dados atuais, que podem não se ajustar ao contexto dos estudos. São estes: taxa de analfabetismo de 21,40%; média de anos de estudo dos chefes de família de 3,94; renda média do chefe de domicílio de R\$ 227,93.

Na época em que realizei a pesquisa, a malha urbana do Vietnã era constituída por algumas ruas largas e uma infinidade de travessas e becos. Construída num terreno plano, a paisagem do lugar era dominada por casas de tijolo de um a dois andares, embora também houvesse alguns barracos de madeira, sobretudo nas áreas de invasão mais recente. À exceção da rua principal, não havia calçamento nem saneamento básico na área; em anos posteriores, várias ruas foram calçadas e o esgoto canalizado, porém não tratado, persistindo o problema dos mosquitos e do mau cheiro.

A comunidade do Vietnã era (e é) bem servida de ônibus, fica a sete quilômetros do centro do Recife e é relativamente próxima das praias, de centros comerciais e do mercado de abastecimento municipal (CEASA), onde muitos jovens trabalhavam. No bairro ou em ruas próximas, havia escolas de ensino fundamental, um posto de saúde da família, diversas igrejas e um centro profissionalizante ligado à Igreja Presbiteriana, que oferece cursos de crochê, marcenaria, culinária, manicure, entre outros. A CHESF (Companhia Elétrica do São Francisco), cuja sede fica próxima à comunidade, também realizava intervenções voltadas à população infanto-juvenil do lugar. Um dos espaços mais importantes de observação, a Escola de Música Dom Bosco, funcionou na comunidade até alguns anos atrás. Outras opções, sobretudo de cursos profissionalizantes e opções de lazer, podiam ser encontradas nas proximidades.

Para realizar a etnografia sobre o tempo livre, percorri dois caminhos paralelos que às vezes se entrecruzaram. Por um lado, visitei diversas iniciativas voltadas aos jovens no Vietnã e bairros adjacentes. Nesses espaços, apliquei questionários abertos com os jovens, entrevistei os responsáveis e observei o cotidiano. Minha expectativa era conhecer o que motivava os jovens a frequentar esses espaços e qual era o propósito dos mesmos, mas também queria “deslizar” da formalidade para a informalidade, podendo abranger outras práticas passíveis de observa-

ção apenas se fossem construídas relações de confiança com os jovens. Por outro lado, retomei contatos com jovens e não tão jovens que havia conhecido no tempo de trabalho na ONG e, a partir deles, fui conhecendo novas pessoas, pela técnica conhecida como bola de neve. Esse duplo caminho foi importante porque me permitiu encontrar jovens que estavam mais ou menos “institucionalizados”, situação que traz mudanças importantes na organização do cotidiano e no tempo livre.

Cabe aqui um esclarecimento a respeito do uso da categoria “tempo livre” nessa primeira pesquisa, em detrimento da categoria “lazer”, de uso mais comum. Ao me debruçar na literatura sobre o tema, percebi que o lazer, historicamente, é ligado à dimensão do trabalho, diferenciando-se, por exemplo, da ociosidade. Enquanto a ociosidade negaria o trabalho, o lazer o pressupõe, tem um caráter preferencialmente recreativo, ligando-se de forma intrínseca à indústria cultural, às culturas juvenis etc. Já o tempo livre, categoria à qual me aproximei a partir do livro *A busca da excitação*, de Elias e Dunning (1996), me permitia incorporar zonas cinzentas que ficariam de fora de uma definição estrita de lazer: os cultos e as atividades religiosas, o tempo dos desempregados e dos jovens que não estudam, os cursos de formação e outras atividades ao mesmo tempo recreativas e formativas. Preocupados em compreender a evolução global dos códigos de sentimento e de conduta nas sociedades europeias, Elias e Dunning entenderam as práticas recreativas como resposta à “rotinização” ou autocontrole impostos no cotidiano pelo processo civilizador, classificando-as em função de sua maior ou menor possibilidade de ruptura das rotinas. Minha tentativa de classificar as atividades juvenis, por sua vez, buscava captar conjuntos de significados mais amplos sobre a organização e usos do tempo, que hoje compreendo a partir da ideia de “metáforas temporais” (Ramos, 2009). Nesse sentido, três foram as principais metáforas definidoras do tempo livre juvenil no contexto estudado: os passatempos, as disciplinas e as recreações.

Passatempos – formas de “matar o tempo” ou de “passar o tempo”.

É o conjunto de atividades corriqueiras que não apresenta, usualmente, evidentes rupturas na rotina semanal, embora constitua, de certo modo, matéria básica no ato de significar a vida social. Não são percebidas como lazer pelos jovens, que geralmente se referiam a elas como “não fazer nada”. Este “nada” revelava inúmeros sentidos – a ausência de significado de práticas que não se inscreviam de forma mais efetiva na esfera do consumo de lazer, a sua proximidade com a rotina e, até mesmo, a possibilidade de se aproximar do tédio posto que são atividades, em geral, de “baixa excitação”, parafraseando Elias e Dunning (1996).

Tratava-se de práticas desenvolvidas, via de regra, na própria casa, na comunidade ou nos arredores (“nem perto nem longe”) – o que também explica seu “desvalor”. Quando ocorriam nas casas, introduziam dentro do espaço doméstico, produtivo e familiar, um espaço juvenil, marcado pelo consumo de certos produtos culturais, principalmente música, e pela introdução de dinâmicas coletivas. Receber e visitar era uma dessas dinâmicas, reveladora da base local das relações de amizade, já observada por outros autores (Magnani, 1998; Heilborn, 1984). Tratava-se de uma prática, a da visita, com uma forte inscrição de gênero e idade, pois supõe um tipo de lazer supervisionado, especialmente entre as garotas mais novas e consideradas “presas” (em contraposição às “meninas soltas”). Já nas ruas, os jogos (de queimado, de futebol) eram as atividades mais comuns, além das “rodas”, sobretudo de rapazes, nas esquinas ou espaços movimentados da comunidade. Todas essas atividades falam de uma sociabilidade não virtualizada e reconstruída a partir de pequenos e contínuos rituais de contato.

O estudo das práticas que eu classifiquei como “passatempos” permite conhecer melhor as microculturas juvenis (os diversos

grupos de afinidade, as práticas que desenvolvem e suas particulares memórias) e também desvendar aspectos importantes na construção da identidade e nas normas de convivência locais. Na pesquisa, um desses aspectos foi a divisão simbólica entre as “pessoas certas” e as “pessoas erradas” que, na comunidade estudada, por vezes assumia uma dimensão espacial (o “lado de lá” e o “lado de cá”). Essa fronteira simbólica, muito discutida na literatura, constituía um elemento significativo para a compreensão das negociações na esfera do tempo livre – proibições e evitações nos relacionamentos afetivos (de amizade e namoro), estímulo a certas atividades em detrimento de outras. Influi, igualmente, nos fluxos e refluxos nos locais de sociabilidade juvenil – casas, ruas e praças. Além disso, a presença das dinâmicas da violência na comunidade estudada lançava sobre o tempo livre uma sombra permanente de ameaça, contribuindo para a limitação e o cerceamento da liberdade dos campos de ação juvenis. Por outro lado, a violência também tinha um caráter produtivo, estando muito presente no discurso de um segundo conjunto de atividades do tempo livre, que analisarei a seguir.

Disciplinas – Ocupar e disciplinar o tempo (e os jovens)

São práticas promovidas por adultos que abrigam determinados projetos para as horas vagas juvenis, voltadas à profissionalização, à arte e à religião. Na pesquisa, tive oportunidade de acompanhar de perto a Escola de Música e o grupo de capoeira, embora também frequentei grupos da Igreja Católica e conheci jovens de grupos de igrejas de denominação evangélica (Batista, Assembleia e Presbiteriana). Apesar da sua diversidade, essas atividades mantinham certos aspectos em comum: eram pensadas e administradas por adultos, aconteciam de porta fechada, em horários e dias fixos, apresentando uma hierarquia de funções diferente à escolar, mas evidente e inquestionável. Na literatura sobre juventude, são frequentemente descritas enquanto

“agências ou organizações juvenis²”, ressaltando sua função de socialização dos jovens na sua progressiva inserção ao mundo dos adultos. Segundo a procedência dos seus atores principais, tais agências podem ser divididas em “organizações populares”, decorrentes da articulação entre os moradores do lugar, e “agentes” ou “mediadores externos”, quando as ações resultam da penetração de instâncias exógenas, a exemplo dos grupos de igreja. Seguindo a classificação de Elias e Dunning (1996), trata-se de atividades intermediárias do tempo livre voltadas à satisfação de necessidades de orientação, auto-realização ou expansão.

O estudo dessas atividades revelou importantes preocupações em relação ao tempo livre dos jovens, inquietações em que vinham se encontrar as imagens de condenação moral do ócio geradas, em última instância, no seio da Reforma Protestante (“mente ociosa, oficina do diabo”); na qual atuavam também as representações mais fortes da adolescência e juventude enquanto períodos transitórios – logo perigosos – do ciclo de vida; realimentadas pela ameaça do “outro” próximo – o “bandido”, o “errado”. Tais atividades podiam ampliar o “campo de possibilidades” de alguns de seus participantes, estimulando interesses antes desconhecidos e, com isto, instaurando novas rotinas no tempo livre no seu dia a dia. Entretanto, raramente satisfaziam totalmente a ânsia de excitação dos jovens que recorriam, sempre que possível, a um terceiro tipo de atividades.

2 Utilizo a expressão “agências ou organizações juvenis” no sentido dado por Eisenstadt (1976), que as identifica como um dos três elementos que possibilitaram a elaboração das identidades e das relações solidárias da juventude moderna, junto com o sistema escolar educacional e os grupos juvenis espontâneos: “agências e organizações vocacionais, cujo objetivo é ajudar as crianças e adolescentes, particularmente aqueles elementos provenientes de setores econômicos não privilegiados, a fim de que avancem profissionalmente” (Eisenstadt, 1976, pp. 150-151).

Recreações – “curtir” o tempo, criar experiências, fazer o tempo

O terceiro grupo de atividades é aquele que constitui maiores rupturas na rotina semanal, porque é detentor de um colorido ou tom especial. Desde as atividades mais singelas, como as reuniões em dia de domingo para beber na casa de um amigo escolhido, até as mais rituais, como as festas de aniversário, e, por fim, as que se conectam de forma mais direta com a indústria do lazer juvenil: as saídas às casas de shows, às festas na cidade etc. Nessas práticas, vemos expressarem-se com maior força três características básicas da recreação apontadas por Elias e Dunning (1996) – a sociabilidade, a motilidade e a imaginação – através da dança, das músicas, da exaltação do sentimento coletivo e da procura amorosa ou sexual, aspectos mais enfatizados nas saídas externas pelo fator do anonimato. Já nas reuniões festivas no espaço da comunidade, as inversões introduzidas no cotidiano podiam dar origem a conflitos alimentados pela embriaguez, mas frequentemente inibidos pelo restabelecimento das posições de autoridade. É, justamente, nessa categoria de atividades que vemos equilibrarem-se, em instável dança, aspectos que nos parecem relevantes na construção da vivência juvenil do tempo livre no contexto estudado – segurança e perigo, obediência e transgressão, ordem e desordem.

Mudando de cenário: novas temporalidades e tempos biográficos

Se a primeira pesquisa, que sumariamente apresentei aqui, me conduziu aos tempos cotidianos, a partir do “tempo livre”, a segunda pesquisa trouxe uma maior preocupação com os tempos biográficos. A explicação para esse renovado interesse, e para o aprofundamento no tempo como via de acesso às experiências juvenis, tem a ver com a vivência de uma “alteridade temporal” que me levou a questionar minhas ideias a respeito do curso

biográfico normal, dos ritmos esperados para cada fase da vida, e do modo como nossa sociedade é norteada, também, por ritmos e expectativas temporais muito precisas. Essa experiência ocorreu no retorno à comunidade para uma segunda pesquisa, junto com uma equipe internacional³. Haviam se passado poucos anos desde a última ida ao Vietnã, mas este havia sido um tempo muito significativo em minha trajetória tanto profissional como pessoal. Ao voltar a conversar com jovens do Vietnã, logo fiquei com a impressão de que nossas vidas corriam em velocidades muito distintas, e no caso de alguns jovens até pareciam não correr de modo algum. Ainda sabendo que essa era uma percepção provavelmente injusta, a sensação que me davam é de que haviam “parado no tempo”.

A partir dessa inquietação inicial, entrei em contato com uma série de literatura voltada à discussão sobre tempo nas sociedades contemporâneas. A maioria dos autores consultados defendia a ideia de que estamos atravessando mudanças muito significativas na forma como organizamos e percebemos o tempo, que teriam se iniciado na década de 1960, se aprofundando a partir dos anos 1980. Alguns autores afirmam que estamos vivendo um momento de compressão tempo-espço (Harvey, 1992) ou de aceleração do tempo (Augé, 1994) porque a rapidez nos processos de circulação de mercadorias, dos fluxos de capital, das imagens e das pessoas faz com que o mundo, de certo modo, se torne menor. Além disso, as novas tecnologias produzem experiências de simultaneidade uma vez que, no mundo virtual, é possível estar em vários lugares e mesmo em vários tempos concomitantemente, experiência que desafia as representações lineares dominantes na primeira modernidade (Adam, 1992; Augusto, 2007; Leccardi, 2005a).

3 Pesquisa *Youth and the city*, coordenada por Katherin Tranberg (Northwestern University of Chicago) e desenvolvida pela Universidade de Copenhague em três cidades do “Sul global”: Recife, Hanoi e Lusaka. A pesquisa em Recife foi coordenada por Anne Line Dalsgaard (Universidade de Aarhus) e Russell Parry Scott (UFPE).

Todas essas transformações têm implicações importantes na forma como os indivíduos constroem e entendem suas trajetórias de vida, incidindo na organização social do curso da vida. A percepção moderna do tempo de vida correspondia a uma sucessão de etapas claramente definidas – infância, juventude, idade adulta e velhice, cada uma com seus correspondentes institucionais e com expectativas sociais bem delimitadas. Essa organização repousava numa percepção linear do tempo, fundamental na época da primeira industrialização, apoiada no desenvolvimento do sistema temporal relógio-calendário e na expansão da ideologia individualista (Adam, 1995; Araújo, 2005b; Leccardi, 2005a; 2005c; 2005d; Pais, 2003). Tempo linear implicava trajetórias contínuas marcadas pela passagem dos indivíduos por uma série de instituições que coordenavam os ritmos individuais àqueles coletivos – escola, serviço militar, trabalho, aposentadoria. Nessa configuração temporal, passado, presente e futuro estavam ligados a partir da ideia de progresso, tendo sua expressão individual na noção de “projeto de vida”. O que se verifica atualmente é que esse modelo começa a ser enfaticamente questionado não apenas pela sua ligação a certo tipo de sociedades (países “desenvolvidos”, notadamente aqueles com um forte Welfare State) ou pela pouca sensibilidade à heterogeneidade de circunstâncias individuais e às condições de gênero e classe, mas enquanto consenso social a respeito das idades da vida.

A maioria dos autores consultados defende a ideia de que a linearidade, quando não desapareceu continuamente, encontra-se no mínimo ameaçada na modernidade tardia, sem que tenha sido substituída por um fortalecimento das visões cíclicas da vida social e individual. Em contextos dominados pela incerteza e pela precariedade, com poucas indicações quanto ao que se espera do indivíduo a cada momento de sua vida, as pessoas são chamadas a construir suas trajetórias biográficas com menos pontos de referência do que outrora (Leccardi, 2005b; Rampazi, 2005). Isso coloca desafios especiais aos jovens, uma vez que as

vias de transição à idade adulta se tornam mais diversificadas, indefinidas, complexas e instáveis (Brandão; Heilborn, 2006; Heilborn et al., 2006; Pais, 2003). Emerge desse contexto um tempo fragmentado, que acompanha o esmorecimento das instituições, afetando igualmente o “projeto de vida” e a construção biográfica: “Hoje nos confrontamos, portanto, com construções biográficas de um caráter inédito, desvinculadas das formas de projeto tradicionalmente entendidas” (Leccardi, 2005d, p. 46).

Uma vez que essa literatura, majoritariamente, descreve contextos distintos do brasileiro, me interessava saber se essas tendências também marcavam as biografias dos jovens que eu estudava. Que tipo de “narrativas de si” surgiriam nesses contextos? Como são significadas as descontinuidades e rupturas em trajetórias juvenis submetidas à precariedade?

Pontos, linhas e nós: conhecendo as biografias juvenis

Foi pensando nessas questões acima que retornei a campo e iniciei a segunda pesquisa, especificamente voltada à compreensão das experiências temporais de jovens de grupos populares. Dessa vez, além da comunidade do Vietnã, onde desenvolvi o grosso do estudo, também realizei entrevistas com jovens em duas outras localidades, uma delas em Recife (Ilha de João de Barros) e a outra num município vizinho (Loteamento Santana). A pesquisa comportou questionários⁴, grupos de discussão

4 Os questionários incluíam uma agenda ou diário relativo à última semana, que nos servia para mapear o cotidiano e verificar como os jovens o significava. Eram livremente inspirados nos *time budgets* (orçamentos do tempo), embora sem o mesmo rigor e não se tratando, no nosso caso, de dados quantificáveis. A técnica do *time budget* tem sido utilizada como forma de mesurar a quantidade de tempo gasta por diversos sujeitos em suas variadas atividades diárias (Adam, 1990, p. 94). Uma de suas aplicações mais conhecidas é no desvendamento do aspecto temporal das desigualdades de gênero, mas também tem sido usada em estudos sobre juventudes.

e entrevistas aprofundadas. Uma vez que a tese buscava debruçar-se sobre as práticas e os sentidos que os jovens atribuem ao tempo, as entrevistas foram uma técnica indispensável por permitir o acesso à significação das ações e ao seu componente subjetivo.

As entrevistas realizadas foram não diretivas e muitas delas do tipo biográfico (Bertaux, 1997; Peneff, 1990). Este tipo de entrevista permite aos sujeitos da pesquisa a organização das suas experiências de vida atribuindo-lhes uma ordem própria, o que favorece a emergência de suas representações temporais. Neste sentido, a aproximação biográfica é importante não apenas pelo conteúdo, mas, sobretudo, pela forma como os acontecimentos são narrados e ressignificados pelos jovens, dando ênfase a alguns eventos, ocultando outros. Além disso, os relatos biográficos podem constituir caminhos pessoais de transição à idade adulta, em que as esferas usualmente divididas, como família, educação e trabalho, se integram dinamicamente.

Pela importância que as entrevistas tiveram nessa segunda pesquisa, segui a opção de organizar a etnografia a partir dos relatos de alguns jovens que me pareceram representativos da variedade de sentidos e práticas temporais do grupo estudado. Ao invés de realizar uma análise horizontal, apresentando tematicamente os diversos elementos da temporalidade juvenil, optei deste modo por fazer uma análise vertical que me permitisse aprofundar algumas das construções do tempo biográfico e do tempo cotidiano juvenil a partir de um número reduzido de casos.

A interpretação das entrevistas selecionadas tentou acompanhar a lógica das narrativas de cada entrevistado, mas também seguiu algumas orientações epistemológicas e metodológicas de outros autores. De Herbert Mead (2008) extraí a primeira grade de análise para meus dados, procurando estabelecer os três modos temporais que formam a base de sua análise social do

tempo: presente, passado e futuro⁵. Assumindo que é a partir do presente que os jovens selecionam eventos do passado e elaboram (ou não) suas ideais de futuro, busquei conhecer os eventos biográficos que forneciam a base para a compreensão do momento de vida em que os jovens conversaram comigo. Busquei, igualmente, perceber até que ponto existia um senso de continuidade em suas trajetórias ou se elas eram apresentadas episodicamente, o que indicaria uma compreensão mais fragmentada e descontínua do tempo. Também procurei identificar quais são os eventos biográficos que organizam essa trajetória, permitindo encontrar frequentemente áreas de continuidade e outras de descontinuidade. Quanto à dimensão do futuro, não tencionei desvendar até que ponto as expectativas de futuro se concretizam, e sim de que maneira esta dimensão fazia parte da percepção temporal dos jovens.

Essa primeira grade foi posteriormente complementada por uma análise temática, com atenção às dimensões sociais mais relevantes nas entrevistas aos jovens: trabalho, escola, família, igreja, lazer/consumo, violência/risco. Mais do que traçar as trajetórias profissional, educativa e familiar de cada jovem, o que procurei foi atentar para os elementos simbólicos, fazendo uso de algumas dimensões previamente definidas: a localização dos eventos no tempo; o timing ou a compreensão de que existem tempos “bons” e tempos “ruins” para determinadas ações; e o compasso e intensidade de cada tempo, o que me levou também a considerar a duração dos diversos eventos narrados (Adam, 1995, pp. 20-24). Escrever o tempo, na segunda pesquisa, resultou, portanto, de uma dupla seleção. A seleção feita pelos jovens que, ao falarem comigo, escolhiam os aspectos de suas vidas que queriam me mostrar, norteados pelas preocupações do presente. E a minha escolha, que buscou em cada narrativa juvenil

5 Para o autor, esses três modos temporais, apenas o presente existe; embora passado e futuro estejam presentes na construção do tempo pelos indivíduos, estas duas dimensões são concebidas por Mead como representações, não como práticas sociais. É a partir de situações presentes que os indivíduos trazem à tona situações passadas e projetam cenários futuros. O tempo teria, de acordo com essa percepção, um caráter hipotético.

elementos que me permitissem aprofundar determinados aspectos da vivência temporal desse grupo.

“A vida de solteiro”: (des)regulações do cotidiano e tempo institucional

O casamento e/ou a parentalidade apareceram, nas entrevistas, como o principal divisor de águas na compreensão da idade social e, em graus variáveis, nos usos e sentidos atribuídos ao tempo. Neste sentido, o primeiro conjunto de relatos foi de jovens que não viviam maritalmente nem tinham filhos⁶, e que moravam com suas famílias de origem, ocupando a posição de filhos ou de netos. Existiam diferenças significativas na forma como esses jovens organizavam seu tempo, algumas decorrentes de sua condição de gênero, outras de preferências pessoais e estilos de vida. Um aspecto que chamava a atenção nesses relatos foi o importante papel desempenhado pelas instituições nas experiências temporais juvenis: a escola, que marcava o tempo social dominante⁷; os projetos, muitos deles surgidos ao amparo do Estatuto da Criança e do Adolescente, ou das políticas de juventude; a família; as igrejas; o *estágio*; mas também instituições para adolescentes em conflito com a lei, que tinham bastante relevância na definição de algumas trajetórias. A sociabilidade, a afetividade, o lazer e, de forma correlata, a esfera do consumo emergiram, igualmente, como importantes marcadores temporais, às vezes em conflito com os vários tempos institucionais.

Para discutir essas questões, escolhi dois casos bastante opostos de organização temporal e de construção biográfica. O primeiro

6 Ter filhos não implica, em todos os casos, uma mudança no estilo de vida. Entre os homens jovens, sobretudo, não se trata de “ter um filho”, e sim de “assumir um filho”. Em menor grau, mulheres jovens também podem ter filho sem que isto modifique suas rotinas, porque o filho é criado por outros familiares, preferencialmente a avó.

7 Ver mais sobre isso em Franch e Pequeno (2015).

deles, das irmãs Mara⁸ (15) e Nara (17), me serviu para pensar a adolescência feminina mais sujeita ao controle social, com um cotidiano fortemente regulado, e focado num projeto de inserção no mercado do trabalho através da educação. Nomeei essa disposição temporal a partir de uma frase proferida por Mara: “Para mim tudo na vida é uma prova, tudo na vida não acontece por acaso, *tudo na vida tem um motivo, tem um objetivo*”⁹ (Mara, 15 anos). O segundo caso escolhido se afastava bastante desse modelo, pois trata-se de um grupo de garotas, de 11 a 17 anos, moradoras da Ilha João de Barros, que foram apresentadas a mim como “meninas de risco”. Neste caso, a influência reguladora das instituições no cotidiano era muito menor – escola, família, igreja ou trabalho – e a orientação para o futuro pouco significativa, configurando às vezes um “tempo errático” e pouco estruturado. Denominei essa orientação *contratempus* porque nela se subvertem as expectativas sociais hegemônicas em relação à adolescência/juventude, mas também quanto aos ordenamentos de gênero, o que faz com que essas jovens sejam conhecidas como “meninas soltas”.

Formando famílias: conjugalidade e parentalidade

O segundo conjunto de relatos agrupou as histórias de jovens que estavam saindo ou tinham saído da “vida de solteiro” para iniciar o processo de formação de novas famílias. Embora a dimensão do trabalho estivesse presente nesses relatos, a análise centrou-se no tempo familiar. Um aspecto importante para a compreensão dessa dimensão foi o conceito de *timing*, que implica a coincidência, sequência, coordenação e sincronização dos diversos tempos – individuais, coletivos e sociais (Hareven,

8 Todos os nomes foram trocados para preservar a identidade dos entrevistados.

9 Destaquei em itálico algumas frases e expressões, proferidas pelos próprios entrevistados ou criadas por mim, que servem para sintetizar as biografias no momento em que me foram contadas.

1991, p. 167) – e também seu oposto, a dessincronização. Pensar no *timing* das transições permitiu identificar as ideias que os jovens tinham a respeito das diversas passagens em suas vidas e o que eles consideravam um “tempo certo” para cada evento. Mais do que à idade cronológica, a ideia de “tempo certo” para cada coisa (ser pai ou mãe, casar) remetia, sobretudo, à possibilidade de sincronizar o tempo familiar com outros tempos (trabalho, estudo, necessidades da família de origem), contribuindo para sensações de rapidez, lentidão, adequação e inadequação entre os tempos desejados e os tempos vividos.

As quatro narrativas escolhidas para essa discussão mostraram caminhos diversos e momentos diferentes no processo de formação de famílias: Laura, 20 anos, casada¹⁰ e mãe de um filho, que pautou sua entrevista no mal *timing* da gravidez e as consequências do mesmo, em forma de um cotidiano pesado e com poucas perspectivas (“*A felicidade não mora no meu coração*”); Natália (19) também casada, mas sem filhos ainda, preocupada em reproduzir à perfeição o papel de esposa dedicada, mesmo quando o relacionamento encontrava-se pendente por um fio (*Diário de uma dona de casa*); Roberto (22), que estava constituindo sua segunda família e se considerava “*adulto desde os 14 anos*”; e, por fim, Sandra (19), cuja narrativa biográfica foi composta por muitas rupturas e recomeços (*consertos e desconsertos*), sem que a maternidade tivesse acarretado uma mudança significativa no seu cotidiano ou orientação temporal.

Narrativas de inserção no trabalho em tempos incertos

O terceiro conjunto de relatos foi agrupado em torno do trabalho, entendido como uma das dimensões mais importantes na organização cotidiana do tempo, bem como na conformação do tempo biográfico. No que diz respeito à idade social, a res-

10 Não faço distinção entre casamento oficial e união conjugal.

ponsabilidade de trabalhar acirra-se para os homens, depois da formação da família, quando assumem o papel de provedores. Todavia, também foram encontrados relatos dando destaque às experiências de trabalho entre as mulheres. A relevância do trabalho no cotidiano relaciona-se à uma série de circunstâncias, que compreendem desde a quantidade do tempo que o jovem dedica a essa atividade até sua identificação subjetiva com esta esfera, quer através daquilo que o trabalho lhe permite ser (um “trabalhador”, um chefe de família e/ou um consumidor), quer pelo trabalho em si mesmo, enquanto uma atividade valorizada pelas suas características intrínsecas. A pluralidade de experiências e de relações que os jovens estabelecem com o trabalho indica que esta é uma esfera sujeita a grandes transformações tanto no que tange às condições objetivas (mercado formal ou informal, modalidade de contratação, etc.) como no terreno dos valores. A flexibilidade, as descontinuidades, a instabilidade e a fragmentação fazem parte das condições postas pelo mercado de trabalho nas sociedades contemporâneas, multiplicando situações de incerteza biográfica.

Os jovens cujas histórias foram escolhidas para discutir inserção no mundo do trabalho eram, à época da entrevista, solteiros ou casados, em geral de idades um pouco mais avançadas do que os componentes do primeiro grupo, embora muitas vezes as experiências de trabalho estivessem presentes desde muito cedo em suas vidas. A escolha dos casos tentou ilustrar, sem esgotar, a diversidade de situações encontradas: Carol, 19 anos, que trabalhou como empregada doméstica numa casa em que era tratada como “da família”, mas de onde foi expulsa quando teve um problema de saúde (*da fantasia à exploração*); Roberto (21), inserido no mercado formal, porém ocupando uma posição muito aquém das suas expectativas e de seu investimento escolar, numa situação que põe a cru os limites do discurso meritocrático (“*estudo eu tenho, experiência também, cadê a oportunidade*”); Joaquim (21), jovem galgando degraus na nova eco-

nomia do mundo da computação, a partir de um *ethos* flexível, um bom uso do capital social e uma impecável gestão de si (“*mil utilidades*”); e, por fim, Luis (20), que foi baleado durante a pesquisa e faleceu, cujas experiências pareciam questionar a ética do trabalho (“*negócio fácil*”), mas cuja trajetória mostra como instituições e acasos se coadunam na construção de “carreiras desviantes” que ceifam vidas.

Considerações finais

Neste artigo, refiz de forma sintética um percurso de pesquisa que percorreu, ao longo de uma década, diversos aspectos do estudo do tempo entre jovens de grupos populares do Recife. Partindo de uma abordagem etnográfica, centrada no tempo livre como forma privilegiada de apreensão das relações sociais envolvendo jovens num contexto específico, a pesquisa foi evoluindo para incluir também dimensões biográficas, trazendo para a discussão a articulação entre as diversas esferas que formam a experiência de vida juvenil. Entre as duas etnografias, o elemento verbal, reflexivo, teve mais cabida na segunda, por ele ser fundamental na apreensão do tempo vivido. Já na primeira, a observação precisou ir além do explicitado, observando as entrelinhas, os tempos mortos, o não dito. Observando aquilo que parecia invisível ou mesmo inexistente, se desenhavam as tramas de uma sociabilidade do próximo, e das formas pelas quais o tempo podia recriar-se para vencer “a mesmice” e trazer excitação ao cotidiano.

Desafios também se apresentaram na hora de “escrever” o tempo. Na primeira pesquisa, o recurso a metáforas, embora retroativo (pois não havia entrado ainda em contato com a obra de Ramos Torres à época), mostrou-se importante ao permitir identificar os traços importantes de três disposições temporais – os passatempos, as disciplinas e as recreações. Todavia, não foi tão sensível para captar elementos diacrônicos, aspecto mais

bem captado nos relatos biográficos, privilegiados na segunda pesquisa. Ali a opção por trabalhar com algumas biografias trouxe a possibilidade de incorporar mais conflitos e mudanças, embora sempre atualizados a partir das questões relevantes no presente.

Minha proposta neste artigo foi defender a potencialidade interpretativa que a categoria tempo traz para o campo das juventudes. Penso que algumas questões atuais tornam mais que recomendável avançar no conhecimento nessa área. O avanço e disseminação das novas tecnologias têm, como muitos estudos vêm demonstrando, modificado as formas de sociabilidade, a organização do tempo cotidiano e as narrativas de si, aspectos que trazem desafios metodológicos e teóricos para os estudos do tempo e também para a própria condição juvenil. Além disso, não se percebeu melhora em alguns dos aspectos que marcam tanto o uso do tempo livre como a conformação das biografias, no que tange, por exemplo, à violência que atinge os jovens. Além dessas questões, enfrentamos hoje um momento especialmente difícil para as novas gerações, com retrocesso dos direitos fundamentais, que põe em risco o recém-conquistado acesso mais democrático à universidade, a inserção e manutenção no mundo do trabalho, o acesso à saúde e até a perspectiva temporal de futuro mais longo, com as mudanças previstas na “reforma da previdência”. De que modo essas mudanças afetam o cotidiano juvenil, os projetos, expectativas e biografias é um desafio e uma responsabilidade para aqueles que nos propomos compreender melhor as juventudes.

Referências bibliográficas

Abramo, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Número especial: Juventude e contemporaneidade. ANPED, no 5-6, maio a dezembro, 1997, pp. 25-36.

Adam, Barbara. **Time and Social Theory**. Cornwall: Polity Press, 1990.

_____. Modern times: the technology connection and its implications for social theory. **Time and Society**, 1(1), 1992, pp. 175-92.

_____. **Timewatch**. The social analysis of time. Cambridge: Polity Press, 1995.

Alvim, Rosilene. Olhares sobre a juventude. **Comunicações do ISER**, Ano 21, Edição Especial, 2002, pp. 43-56.

_____.; PAIM, Eugenia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: Alvim, Rosilene; Gouveia, Patrícia (org.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**. Rio de Janeiro: Contra Capa/Gestão Comunitária: Instituto de Investigação e Ação Social, 2000, pp. 13-33.

Araújo, Emília Rodrigues. **A fase: ritmos camuflados nos usos e representações do tempo**. O caso do tempo de dispensa de serviço docente para doutoramento. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2005a.

_____. O conceito de "futuro". **Actas de Seminário "O Futuro não pode começar"**. Braga: Núcleo de Estudos de Sociologia, Universidade do Minho, 2005b.

Augé, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

Augusto, Maria Helena Oliva. O presente e a juventude. In: BRUNI, José Carlos et al. (orgs.) **Decifrando o tempo presente**. São Paulo: Editora UNESP, 2007, pp. 45-68.

Bertaux, Daniel. **Les récits de vie**. Perspective ethnosociologique. Paris: Éditions Nathan, 1997.

Brandão, Elaine Reis; Heilborn, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(7), julho 2006, pp. 1421-1430.

Dalsgaard, Anne Line. **Vida & esperanças**. Esterilização feminina no Nordeste. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

Debert, Guita Grin. A cultura adulta e juventude como valor. **ANPOCS**, Caxambu, 2004.

Durkheim, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fortes, 1996.

Eisendstad, Shmuel N. **De geração em geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

Elias, Nobert; Dunning, Eric. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. (2a. edição, 1a. reimpressão) México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

Feixa, Carles. **El reloj de arena**: Culturas juveniles en México. México: Causa Joven, Centro de Investigación y Estudios sobre la juventud, 1998.

_____. Antropología de las edades. www.cholonautas.edu.pe/ Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales. Acessado em 3 de junho de 2005.

Franch, Mónica. **Tardes ao léu**. Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2000. (Publicada como *Tardes ao leu*. Uma etnografia sobre o tempo livre entre jovens de periferia. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016).

_____. **Tempos, contratempos e passatempos**. Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. Tese (Doutorado em Antropologia), UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

_____.; Pequeno, Josilene. Clocks, callendars and smart phones. An ethnography on tie in a high school. **Vibrant**, v.12, n.2, pp. 418-450.

Hareven, Tamara. Synchronizing individual time, family time, and historical time. In: Bender, John; Wellbery, David E. **Chronotypes. The construction of time**. Stanford, California: Stanford University Press, 1991, pp. 167-182.

Harvey, Daniel. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

Heilborn, Maria Luisa. **Conversa de portão**. Juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

_____. et al. (org.) **O aprendizado da sexualidade**. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006, pp. 156-206.

Leccardi, Carmen. Facing uncertainty. Temporality and biographies in the new century. **Young** v. 13 (2), 2005a, pp. 123-146.

_____. It tempo comme strumento di analisi sociale. In: CRESPI, Francesco (a cura di). **Tempo vola**. L'esperienza del tempo nella società contemporanea. Bologna: Il Mulino, 2005b, pp. 23-29.

_____. I tempi di vita tra accelerazione e lentezza. In: CRESPI, Francesco (a cura di). **Tempo vola**. L'esperienza del tempo nella società contemporanea. Bologna: Il Mulino, 2005c, pp. 49-85.

_____. Por um novo significado do futuro. Mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, 2005d, pp. 35-57.

Levi, Giovanni ; Schmitt, Jean-Claude. **História dos jovens I: Da Antiguidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Magnani, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. (2a. ed.) São Hucitec: Unesp, 1998.

Mead, Herbert. **The Philosophy of the Present**. http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_toc.html Acessado em 3 de abril de 2008.

Müller, Elaine. **“A transição é a vida inteira”**: Uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2008.

Pais, José Machado. The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life. **Journal of Youth Studies**, vol. 6, no. 2, 2003, pp. 115-126.

Peneff, Jean. **La méthode biographique**. Paris: Armand Colland, 1990.

Ramos Torres, Ramón. Metáforas del tiempo en la vida cotidiana. **Acta sociológica**, 49, mayo-agosto, 2009, pp. 51-69.

Rampazi, Marita. Condizione giovanile e esperienza del tempo. In: CRESPO, Franco. **Tempo vola**. Bologna: Il Mulino, 2005, pp. 31-39.

Recife. Prefeitura; PNUD. **Desenvolvimento Humano no Recife**. Atlas Municipal, 2005. Disponível em www.recife.gov.pe.br/pr/secplanejamento/pnud2006/

Sposito, Marília Pontes; Carrano, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: León, Oscar D'Ávila (ed.). **Políticas públicas y juventud en América Latina: políticas nacionales**. Viña del Mar: Ediciones CIDPA, 2003.

Tabboni, Simonetta. **Les temps sociaux**. Paris: Armand Collin, 2006.

Recebido em 31/01/2018

Aprovado em 15/02/2018